

0

N

0

W

AT

0

ALEXANDRE COSTA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O Novato
Alexandre Costa
2016

Direitos autorais do texto original

© 2016 Alexandre Costa

Capa: Wanderley Perna

Todos os direitos reservados

Dedicado à minha mãe,
Emely Patrício da Costa,
a primeira leitora.

Uma homenagem ao conto
"Feliz Ano Novo", de Rubem Fonseca.

Agradecimentos:

Deus, minha família e meus amigos
Wanderley Perna e Luiz Cezar de Araújo.

O novato

Um ano de treinamento, dois anos de ronda escolar e Marcelo ainda está tenso como se fosse um novato. Talvez intuição, presságio, ou apenas um nervosismo momentâneo justificável: mesmo aparentemente tranquila, esta é a sua noite de estreia na Rota.

“A coragem é a primeira das virtudes humanas porque garante todas as outras”. Pensando na frase favorita de seu pai, também policial, Marcelo buscava o equilíbrio e o controle para honrar o compromisso firmado com seus superiores, com o pelotão e, em especial, com seus companheiros de viatura: no banco de trás, à sua esquerda, Soldado Machado, um negro calado de quase dois metros e cento e vinte quilos que não costuma sorrir nem para seus poucos amigos; do seu lado direito, Soldado Rubens, seu padrinho, que além de segurança ou vigia da viatura, como seu colega Machado, era também uma espécie de navegador misturado com banco de dados; no volante o Cabo Valdir, mais conhecido como Piloto, e no comando da equipe o Tenente Antonio Lopes Teixeira, polêmico para alguns, uma lenda no Batalhão Tobias Aguiar.

Desde que saíram do quartel, há quase meia-hora, nada conversaram. Permaneceram em silêncio após a “declaração de valores”, quando cada integrante da viatura informa aos companheiros quanto carrega em dinheiro, um procedimento de autofiscalização e precaução que pareceu a Marcelo uma manifestação de lealdade.

O rádio da viatura trouxe um furto de estepe, dois bêbados dirigindo e uma mulher que perdeu a carteira nas Casas Bahia. Como nenhuma ocorrência pediu apoio, permaneceram no trajeto estabelecido pelo comando.

Uma viatura se parece com um escritório qualquer, onde as pessoas já sabem o seu lugar e sua função, compreendem e obedecem a regras particulares, como o silêncio imposto pelo Tenente em todo

início de patrulhamento, com o intuito de relembrar as responsabilidades e os riscos envolvidos em cada ocorrência, por mais simples que de início ela possa parecer. Para Marcelo o silêncio dificultava a concentração e a tranquilidade das ruas fomentava milhões de expectativas, algumas assustadoras. O desconforto com a imprevisibilidade era até mesmo físico: sentia uma pressão na garganta, engolia com dificuldade e forçava as mãos geladas contra as pernas para que parassem de tremer.

Por dentro da Veraneio quase tudo é preto: os bancos de courvim, as laterais e os relógios do painel. A exceção é o teto creme, todo pontilhado, envelhecido pelo tempo e por fumaça de cigarro. No centro do habitáculo, presas na barra de ferro que corre por trás dos bancos dianteiros, no meio das pernas de Marcelo, as carabinas e a submetralhadora se impõem como grande diferencial da viatura, e de alguma forma equilibram a insegurança do imprevisível.

Dividindo aquele espaço apertado, cinco pessoas com histórias e temperamentos diferentes transitam entre a vida e a morte e precisam ignorar as dificuldades com responsabilidade e controlar os impulsos sem covardia. Marcelo misturava lembranças de treinamento com os conselhos de seu pai. Conselhos e avisos. Ele certamente estaria orgulhoso, mas com a experiência que tinha, não deixaria de avisar sobre os riscos de fazer parte da tropa de elite da Polícia Militar. Marcelo tinha todas as razões para estar nervoso. Além de toda mística que envolvia aquele batalhão, iniciar no patrulhamento noturno sob o comando do pragmático Tenente Teixeira era naturalmente complexo; para alguém como Marcelo, era um tanto perturbador. A transferência de Marcelo para a Rota ocorreu depois de muito tempo rejeitando a idéia. Um colega de seu pai, Coronel Cardoso, insistia que o batalhão precisava de jovens com novas propostas para a polícia, principalmente depois do incidente com a Rota 66, em abril. Educado, pacífico e inteligente, Marcelo tinha o perfil que o coronel julgava adequado e acabou aceitando o desafio, mas apenas por alguns anos, até acabar a faculdade. Pela sua cabeça passavam também alguns

relatos dos colegas de farda, dos programas de rádio e as assustadoras narrativas que circulavam entre a população, mas ele disfarçava bem e ninguém percebeu que naquele momento ele sentia um aperto forte no peito, e isso não tinha nenhuma relação com o colete.

— Não está parecendo final de festa? — disse o Tenente, rompendo o silêncio – As lojas fechando e as pessoas indo para casa... Acabou o ano, acabou a festa. Chegou a hora de alguém limpar o açucareiro, recolher o lixo e manter o salão em ordem. Bom trabalho para nós, guerreiros.

Poucos carros transitam pelas ruas enfeitadas, mas a viatura mantém a velocidade na faixa da direita. Alguns rojões estouram aqui e ali. Sem pressa os olhares atentos dos policiais varrem os dois lados da avenida em busca de atitudes estranhas ou reações desproporcionais diante da Veraneio que carrega um “R” enorme na porta.

— Novato, começou a sua prova de fogo. Esteja pronto para usar tudo que aprendeu. Você foi bem recomendado... parece ter potencial. Siga o que foi passado no treinamento e vai dar tudo certo. Não esqueça que você está no estágio probatório. Só depois da aprovação você deixará de ser chamado de Novato. Até lá, acostume-se.

Mesmo falando rápido, o homem pronunciava cada letra como se estivesse ditando um bilhete. Sua voz era firme e incisiva, com o timbre equilibrado, seguro. A naturalidade com que movia os braços e o tom amigável, no entanto, suavizavam a fala. Talvez o segredo da sua famosa liderança fosse essa combinação de estilos – ao menos foi isso que pensou Marcelo.

Saíram da avenida. A viatura deslizava apagada e as ruas ficavam mais escuras conforme avançavam bairro adentro. O Tenente fez um sinal. O piloto reduziu e quase parou. Com exceção de alguns fogos de artifício, o silêncio era absoluto. Dentro e fora da viatura.

— O que aqueles vagabundos estão fazendo ali?

À distância, viram um grupo de quatro ou cinco pessoas agachadas no canto mais escuro da encruzilhada, bem ao lado de uma Brasília branca com a porta aberta que dificultava a visão dos policiais. Sem imaginar que estavam sendo observados, os suspeitos continuaram agachados e mexendo em alguma coisa no chão. Eles também não conversavam e não parecia ter sequer uma alma perdida entre tantos galpões. O único som que se ouvia era a borracha dos pneus agarrando no asfalto. Muito devagar a viatura foi se aproximando. O Tenente fez outro sinal e todos ficaram a postos, armas engatilhadas e portas semiabertas. Segundos antes do desembarque, no entanto, Marcelo advertiu:

— É um despacho.

O Tenente hesitou, mas reparou nas roupas brancas, viu umas velas, uma bacia de barro e concordou:

— Ele está certo, Valdir. Segue reto.

As portas se fecharam, um dos “suspeitos” levantou-se e o seu olhar acompanhou a viatura indo embora. Naqueles olhos esbugalhados Marcelo viu o medo de uma forma que ainda não conhecia.

— Você acredita em Deus, Novato?

— Claro, Tenente.

— E o que você acha que Deus espera de um soldado?

— Coragem... Dedicção...

— Muito bonito! Mas não é o martírio que faz o mártir. É a causa.

Nervoso, não tinha certeza de ter entendido a frase do Tenente. Preferiu ficar calado.

— E o seu padrinho contou a você o que eu espero do meu soldado?

Rubens, o padrinho, estava sempre contando as ocorrências do Tenente Teixeira e lembrando suas frases marcantes, mas um dia chamou Marcelo de lado e falou das suas exigências e de algumas

normas não escritas, inclusive a de não responder às perguntas retóricas do chefe, que continuou:

— Gosto de trabalhar com quem fica indignado com a injustiça, que não desiste até que a história tenha um final feliz.

Enquanto falava o Tenente abaixou o quebra-sol e Marcelo pode ler, em letras pretas adesivadas: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de Justiça”.

— Meu professor propõe uma nova postura para a polícia. Ele escreveu um livro que...

Durante a semana Marcelo pensou naquela frase e esperava uma oportunidade, mas na sua imaginação ele não era interrompido como foi.

— Esses burocratas que nunca enfrentaram um trombadinha gostam de falar como se fossem especialistas. Quando esses metidos comandarem a segurança pública esse país vai matar mais que uma guerra civil.

— Só estou dizendo que existe uma teoria...

— Você está estudando advocacia, não é? — Interrompeu de novo o Tenente. — Já está falando como um advogado.

— Obrigado.

— Isso não foi um elogio — disse Rubens. E todos riram.

— Estranho que você acredite na conversa mole desses engravatados. Seu pai é da polícia, não é?

— Meu pai foi da Corregedoria.

— Tinha que ser — brincou Valdir. E todos riram de novo. Até mesmo o soldado Machado esboçou um leve espasmo muscular e os colegas entenderam que era um sorriso.

— Aposentado? — perguntou o Tenente.

— Morreu em serviço.

Após alguns minutos de constrangimento o Tenente ordenou o retorno:

— Vamos encontrar uma farmácia aberta. Preciso comprar o meu remédio.

Marcelo observava cada gesto e guardava todas as palavras do chefe. Nesse momento, em um estalo, ocorreu a ele o que seria, na prática, a “distração zero” falada na preleção: seus colegas de viatura nunca tiravam os olhos da rua. Nunca, nem mesmo nos momentos mais calorosos – ou divertidos – da conversa.

Menos de cem metros depois, atravessavam uma praça mal iluminada e deserta. Das poucas lâmpadas acesas, algumas ainda eram engolidas pelas árvores.

— Tem alguém dentro daquele Passat – disse Machado apontando o carro estacionado do outro lado da praça.

Deram a volta. Com exceção do piloto, estão com as armas destravadas e engatilhadas. Estacionado junto à parede lateral da concessionária, o Passat está todo apagado, mas é possível perceber alguém lá dentro. A viatura parou logo atrás, os homens pularam e cercaram o carro com método e sem estardalhaço, mas quando Machado abriu a porta do motorista quase matou de susto um casal de namorados. Envolto em uma neblina, estavam quase deitados nos bancos reclinados, ele com parte do corpo sobre o dela. No toca-fitas “*Time In A Bottle*”, do Jim Croce, sucesso naquele ano. O rapaz congelou. Sem camisa e todo suado, ficou imóvel e mudo diante de todas aquelas armas apontadas para sua cabeça.

— Desce do carro com as mãos para cima, maconheiro. A mocinha põe a blusa e sai pela outra porta – Mandou o Tenente.

— É fumaça de cigarro.

— Se isso aí é cigarro, eu sou o arcebispo.

O casal estava com as mãos apoiadas na traseira do Passat e Machado iniciava a revista no interior do carro. O rádio trouxe algo

mais urgente:

“Assalto na Rua Conrado. Vizinho ouviu tiros e viu três indivíduos fugindo sentido zona sul com um Opala cor-de-laranja, placas Tango, Delta, 1565.”

Tenente fez um sinal com a mão, apontando a viatura, e todos embarcaram. Ele devolveu o documento para o rapaz, olhou bem para a menina e disse firme:

— Seu namorado traz você numa praça escura para fumar maconha pouco antes do *Réveillon*? Fala sério! Você precisa arrumar um garoto melhor...

Voltaram para a avenida, agora no sentido contrário, e o leve tráfego do feriado era espantado pela sirene ou pelo ronco dos seis cilindros da Veraneio cinzenta. Valdir, o Piloto, justificou seu apelido em duas ocasiões. Na primeira um caminhoneiro desavisado – e surdo – obrigou a viatura a subir na calçada e passar entre um orelhão e o banco de uma praça, e a outra fez o estômago do Marcelo subir até o pescoço após uma curva espetacular à direita.

Em poucos minutos uma transformação total no cenário: de pequenos comércios e casas humildes, passaram a patrulhar lindos sobrados, jardins decorados e ruas claras e limpas. Atento ao movimento da rua o Tenente pedia mais informações ao Centro de Operações Policiais, o famoso COPOM. Após uma enxurrada de QAPs, QRUs e QSLs, se dirigiu à equipe:

— As vítimas disseram que eles barbarizaram... Usavam meia-calça na cara, e quem dava as cartas era um filho da puta metido a falar bonito. Estou desconfiado que sejam os mesmos vagabundos que fizeram aquele mercadinho no mês passado. Estão lembrados?

Rubens, como sempre, lembrava bem:

— Da outra vez eles dispensaram o Dodge aqui perto, no começo da Consolação.

Não foi preciso falar mais nada. Valdir usou as quatro esquinas para fazer o retorno, quebrou a primeira esquerda e acelerou forte o

motor 4.3 litros. Segurando-se entre as chacoalhadas da Veraneio Marcelo procurava normalizar sua respiração. O Soldado Rubens lembrou a todos:

— Opala laranja; Tango, Delta, 1565.

O Tenente não se conteve:

— Porra, Opala cor de laranja é brincadeira... Para fazer o mercado roubaram um Dodge vermelho. Nossa sorte é que bandido é aparecido pra caralho.

— Além de invejoso, todo bandido é cafona. – completou Rubens.

Circulando por quase todas as ruas no entorno não é surpreendente que de longe avistaram um Opala laranja mal estacionado em uma travessa. A placa conferia. Machado desceu e colocou a mão espalmada sobre o capô. Estava quente.

— Os vagabundos são previsíveis. Devem estar por aqui... São três. Dois brancos e um preto.

O comércio está quase todo fechado. Cada membro da equipe mira um quadrante colocando em prática o chamado tirocínio policial, em busca de qualquer movimento, gesto ou olhar suspeito. Nenhum trio circulando por ali. Os policiais atentam-se a um bar, mas as cadeiras já estão sobre a mesa de bilhar e um gordo de avental termina de varrer o salão vazio.

— Devem ter ido embora – soltou Marcelo, sem pensar direito no que dizia.

O comentário foi ignorado e seguiram sem falar, em ponto morto. Antes de completar uma quadra o Tenente viu lá na esquina um homem inquieto fazendo sinal para o taxista:

— Aquele sujeito não tem pinta de passageiro de táxi...

— A descrição confere: negro de bigode, magro, mais ou menos 1,70, cabeça raspada, calça marrom e camisa verde. É ele. E parece que está armado. – avisou Rubens.

— Reduz. Eu quero saber em que buraco esse filho da puta pensa que vai passar o ano novo. Segue o Táxi, Valdir, vamos pegar os outros também.

Assim que terminou de falar o Tenente apoiou o braço direito no banco do motorista, virou o corpo e olhou diretamente para Marcelo.

— Novato, se eu tivesse seguido sua sugestão de desistir, não estaríamos atrás desse suspeito. Na minha equipe ninguém desiste porque está difícil, porque está com medo ou porque está em desvantagem. A gente se vira com o que tem, entendeu?

A voz baixa e o tom controlado e objetivo do Tenente demonstravam ao interlocutor que não se tratava, realmente, de uma pergunta, mas de uma sentença que deveria ser absorvida por completo e de imediato. Marcelo abaixou a cabeça e juntou as mãos sobre as pernas. Sentiu o rosto esquentar e o seu batimento cardíaco elevou mais um pouco, mas não disse nada.

Após alguns quarteirões o táxi encostou perto da portaria de um conjunto de prédios que ficava ao lado da antiga fábrica de tintas. O sujeito desceu e seguiu em direção ao segundo prédio. Tinha o andar de malandro assustado e olhava para trás com frequência.

— Para não chamar a atenção o Rubens vai seguindo na frente. Nós o seguimos de longe. Tomem cuidado. Quero pegar os três. — ordenou o Tenente.

Depois deu a volta na viatura e completou:

— Valdir, você fica e espera um sinal.

Dizem que o melhor da festa é a espera. Em uma guerra, ocorre exatamente o inverso. Os preparativos de um combate costumam ser mais estressantes que a própria batalha. Prestes a seguir os companheiros Marcelo respira fundo. Do bolso da farda tira a medalha de Santo Antonio que ganhou da esposa. No verso está colada uma foto da filha, com 3 anos. Beija e guarda de novo. Notou que o Tenente o observava.

— Você já apertou o gatilho, Novato?

— No treinamento.

— Eles devem estar armados, você acha que está preparado?

— Estou.

— Não há problema algum em ser sincero.

O oficial falava com a voz baixa e tranquila, com a mão no ombro e fitando diretamente Marcelo. Mas ele nem titubeou e o Tenente falou mais alto, para todos ouvirem:

— Vamos lá. O Novato vem atrás de mim.

O condomínio tinha dois prédios de poucos andares e entre eles uma antiga quadra de futebol, hoje tomada pelo mato e por montes de entulho. Aquele lugar era conhecido dos policiais. Encrustado no meio de bairros nobres, o terreno fora condenado por contaminação e os proprietários abandonaram os apartamentos após o pagamento da indenização. Meses depois o local foi invadido e a polícia prendeu uma quadrilha que usava o local para desovar restos de carros roubados.

Apenas a luz da rua chegava ao pátio externo do conjunto. Rojões espocavam com mais intensidade e por vezes lembravam tiros. Seguiam Rubens de longe e agachados, em fila, como uma serpente desviando de sofás, carcaças de veículos e lixo, muito lixo. O suspeito andava rápido, mas não corria, e a cada cinco ou dez passos puxava a calça para cima. Sua sombra esticada o tornava ainda mais magro. Quando já estavam do outro lado da quadra, uns cachorros latiam desconfiados e uma mulher carregando dois baldes fez questão de fingir que não estava vendo nada. Estes eram os únicos movimentos perceptíveis. Rubens seguia o homem a 15 ou 20 metros de distância, mas com as curvas da escadaria pôde aproximar-se bastante. Pelo volume, por baixo da malha gasta tinha mesmo uma arma. Subiram um, dois, três andares. Rubens viu o indivíduo entrar na primeira porta, bem de frente à escada, apartamento 31. Mesmo que não tivesse acompanhado o suspeito, por certo desconfiaria de uma porta com um furo no meio, muito

parecido com aqueles causados por uma bala. Neste caso, de dentro para fora.

Ficou ali, agachado e quieto, até que o Tenente apareceu na base da escada. Quando os colegas se aproximaram ele foi e olhou pelo buraco. Depois de alguns instantes tirou do bolso da calça um espelho e olhou por baixo da porta. Então voltou para a escada:

— São 3 homens e uma mulher. Uma velha, dois brancos e um negro. Um malandro está sentado com uma 12 no colo e em cima da mesa dá pra ver uma arma de mão e parece que tem até uma metralhadora.

Conferindo a sua pistola, o Tenente deu o comando:

— O Machado abre a porta; eu e o Rubens entramos. Novato faz a retaguarda.

Agachado junto à porta, Rubens ouviu um brinde e se afastou para dar espaço ao colega. Pé na porta. A fechadura tentou resistir, mas a madeira velha do batente cedeu e entraram gritando, interrompendo algum tipo de comemoração:

— Polícia!

A mulher, o negro que tinha acabado de entrar e um magrelo branco estavam sentados. O outro branco, um pouco mais gordo, estava em pé, contava dinheiro e mexia nas coisas espalhadas pela mesa. Quando a porta abriu feito um leque o negro levantou, sacou seu revólver e acertou a parede oposta. Não teve tempo de tentar outra vez. A submetralhadora do Machado o acertou várias vezes no tórax e como ele demorou para cair, tomou ainda um tiro na parte lateral da cabeça, que arrancou parte da orelha esquerda. O sujeito que estava em pé alcançou a Magnum sobre a mesa. Atento, Rubens apontou sua carabina 12 e apertou o gatilho, mas ela falhou. Deu tempo para o sujeito atirar duas vezes, mas o desgraçado atirava mal: uma bala ficou no batente da porta e a outra ricocheteou na parede e raspou na canela do soldado. Por fim sua arma funcionou e Rubens tombou o inimigo com um tiro no peito e outro nos órgãos genitais. Mesmo desajeitada, a velha

puxou um pequeno revólver 22 da cintura e morreu ali mesmo, antes de atirar. Caiu para a frente, sentada e com parte do corpo curvado sobre a mesa; o sangue escorria fino pelo furo na garganta e empoçava na toalha de plástico. O outro indivíduo não teve tempo de usar a carabina 12 que estava no seu colo. Foi o primeiro a ser atingido. Uma bala que saiu da pistola 45 do Tenente estraçalhou o ombro e a segunda perfurou a barriga; no tiro seguinte o sujeito já estava caindo para trás da cadeira e a bala foi parar na sua bacia, entre a coxa e a virilha.

Foram muitos tiros em poucos segundos. Restou um silêncio que se alastrou pelo apartamento e por todo prédio. Os cães pararam de latir e até os ratos se esconderam.

— Está ouvindo, Novato? Esse é o som da morte – disse o Tenente, olhando ao redor enquanto guardava sua arma — Ele é arrebatador, mas dura pouco. Aproveite esse momento para rever o que tem feito com a sua vida. Tenha certeza de estar fazendo a coisa certa, porque depois da morte sempre vem um inquérito, e de uma hora para outra você pode estar do outro lado do B.O.

O silêncio impressionava. E após a fala do Tenente pareceu ainda mais grave. As janelas fechadas e a noite quente tornavam tudo mais sufocante. Para Marcelo até o teto parecia mais baixo.

Rubens agachou e pegou a arma que estava ao lado do sujeito caído, depois juntou com as outras sobre a mesa, com cuidado para não sujá-las com o sangue da velha.

— Vejam só o que esses bandidos estão usando: 12 de cano serrado e Thompson lata de goiabada. Um dia ainda vamos encontrar bandido com AK 47.

Ao ouvir uma leve respiração, viu que dois olhos o fitavam com terror.

— Ei, esse aqui ainda está vivo.

Deu um chute na perna caída:

— Levanta e encosta na parede, malandro. Já rodou por qual artigo?

Com três balas no corpo, o indivíduo rasteja com dificuldade, escorregando no próprio sangue e gemendo de dor a cada centímetro percorrido. Não consegue se levantar e fica no meio termo, quase sentado, com parte das costas contra a parede, uma clavícula quebrada e uma perna esticada, imobilizada pela terceira bala do Tenente. Sua voz saiu fraca e entrecortada:

— 157, 121, 213... Não consigo levantar, senhor.

— Tem mais armas na casa?

— A casa não é minha, senhor, é dessa preta aí, Dona Candinha. Ela guarda as coisas para os malucos.

— Devo avisar o COPOM? – perguntou Marcelo, dirigindo-se ao Tenente.

— Não, ainda não.

Caminhando até o suspeito caído, agachou e acendeu um Minister.

— Começa a contar, vagabundo. Mataram quatro pessoas e estupraram duas mulheres. Quero saber quem fez o que...

— Não sei de nada, senhor.

Marcelo olhava ao redor. Era como estar no inferno. O cheiro era horrível e o visual ainda pior. As paredes que não estavam furadas de bala ostentavam manchas enormes de infiltração, e o que restava da tinta bege estava descascando e revelando um fundo azul berrante. Na estante de fórmica amarela só a estátua de São Jorge resistiu entre copos e pratos quebrados. Uma bala jogou um pedaço de garrafa sobre o velho sofá e de alguma forma uma coxa de pernil também estava lá. Marcelo reparou ainda em um furo bem no meio da TV colorida que destoava do ambiente.

O Tenente deu um tapa na cabeça do sujeito caído.

— Não sei de nada mesmo senhor, eu juro.

— Novato, mais uma lição: vagabundo está sempre mentindo.

Outro tapa.

— Eu juro, eu juro.

Marcelo revirava as gavetas no único quarto do apartamento. De lá chamou Rubens com um gesto, e falou baixo assim que ele entrou:

— E se ele estiver falando a verdade?

— Você não viu a 12? Não viu a metranca?

— Eu sei, mas não é certo isso...

— Tranquilo, o Tenente sabe o que faz.

No mesmo instante, na sala, a poucos metros dali, o Tenente pisa forte no ombro baleado:

— Se não colaborar eu vou desistir de você, vagabundo. Vou deixar você sangrando até morrer.

— Tá bom, senhor, mas eu era só o motorista.

Com satisfação o Tenente virou-se e olhou para os colegas. Fixou o olhar por um instante em Marcelo, depois deu um chute no estômago do assaltante.

— Quem você pensa que engana, vagabundo? – disse ele dando um longo trago no cigarro e apertando o ombro esmigalhado com a mão esquerda.

— Era pra ser só um assalto, aí o ricaço me esnobou, senhor...

Inquieto, Marcelo andava pela sala. Perguntou ao Tenente:

— Agora já podemos levar esse lixo para o hospital?

— Daqui a pouco. Antes ele vai me contar quem era o terceiro vagabundo que estava com eles no assalto ao mercadinho. Não era esse feioso aí porque as testemunhas disseram que eram três brancos. – disse o Tenente apontando o cadáver negro.

— Era o Tripé.

— Você para de mentir... O Tripé virou torresmo faz uns seis meses. – disse ele forçando a bota sobre o estômago do mentiroso.

— Desculpa, senhor. Tinha esquecido. Era o Minhoca... Foi o Minhoca. Eu juro.

O Tenente agachou, pegou os cabelos do sujeito e bateu com sua cabeça na parede de lado. Três vezes. E agora ele também sangrava pela orelha.

— O que eu disse, Novato? Vagabundo mente por cacoete.

Puxando pelo cabelo, colocou o sujeito sentado, deu um humilhante tapa com a mão aberta no rosto ensanguentado e disse, com a brasa do cigarro quase dentro do seu olho inchado:

— Já percebeu que se você mentir mais uma vez as coisas vão piorar?

— Acho melhor levá-lo para o hospital agora, Tenente. Ou quer que eu chame uma ambulância?

O Tenente virou-se e com um balançar de cabeça indicou ao soldado para que o acompanhasse. Saíram do apartamento e mandou fechar a porta.

— Novato, eu estou começando a ficar preocupado com você. Ou você está muito nervoso ou você não serve para esse trabalho.

— Eu só acho que...

— O nosso trabalho é caçar bandido. Quando pegamos um, vamos atrás de outro. Esse cara que está lá dentro vai nos indicar qual será o próximo. Você está nervoso, o que é normal, mas fique tranquilo. Eu sei o que estou fazendo.

— Com todo respeito, Tenente, eu não estou nervoso. Só não estou de acordo com os procedimentos.

— Procedimentos, regulamentos, toda essa burocracia só funciona na lousa e no papel. Na rua o sistema é bruto, e se um homem não tem um objetivo muito claro, ele sucumbe. Você deveria saber disso: seu pai foi morto por um vagabundo como esse que está lá dentro, não foi?

— Meu pai foi morto por um policial.

O Tenente se afastou, parecia procurar o que dizer. Deu dois passos à frente, depois voltou:

— Por um mau policial. – corrigiu, depois de um longo silêncio. — Eu sinto muito pelo seu pai, mas agora você precisa se concentrar, entendeu? Fique tranquilo. Pode ficar aqui fora, se quiser.

Logo que entrou o Tenente disse a Rubens:

— Fique de olho no Novato, ele está muito nervoso.

Rubens colocou a arma apreendida junto às outras e levou Marcelo para fora do apartamento, mas pararam no corredor, com a porta entreaberta, de modo a observar o que acontecia lá dentro.

Assim que os dois saíram o Tenente passou a mão pelo rosto e caminhou em direção à porta. Virou-se, tirou a pistola do coldre, engatilhou e apontou para o indivíduo caído no canto esquerdo da sala. O bandido tentou proteger o rosto, se encolheu todo, chorou e urinou na calça de tergal. De olhos fechados ficou esperando a bala que não veio.

— Não sei como ainda não matei você... Deve ser seu dia de sorte, vagabundo. Três tiros e nenhum na cabeça... Não costumo errar assim. Para continuar com essa sorte eu acho melhor você responder direitinho. Você vai colaborar? – perguntou, apertando o cano da pistola no peito do meliante.

Gemendo, o teimoso respondeu balançando a cabeça. O Tenente continuou:

— Você estuprou as faxineiras do mercado?

— Não senhor, não fui eu, foi o Zequinha – mostrou o amigo morto por Rubens.

— Tem certeza? Eu vou matar você se estiver mentindo de novo.

— Não estou mentindo, senhor. Eu fiquei na frente, perto do caixa, e o Zequinha foi até o fundo do mercado.

— Então foi você que estuprou a freguesa... Filho da puta, você estuprou a mulher na frente da filha. Na frente de uma criança! –

gritou o Tenente pisando com força na cara do sujeito, abrindo o supercílio e iniciando um corte fundo que atravessava em diagonal quase todo o rosto.

— Eu não fiz nada com a criança, senhor.

Outro pisão.

— Não fez nada mesmo.... Só estuprou a mãe dela e depois quebrou o nariz da menina com um soco, né vagabundo?

— Ela não parava de chorar, senhor...

O lugar estava insuportavelmente quente. O cheiro de queimado da pólvora havia se dissipado e restara no ar uma mistura de comida com banheiro entupido e mofo de casa fechada. O sangue se alastrava por quase metade do piso encardido e já se aproximava da porta. Marcelo rompeu o instante de silêncio, pegou a carabina doze de cano serrado que estava sobre a mesa, caminhou até o meio da sala e sem parar de andar deu dois tiros, ambos certos. O som preencheu todo ambiente, como um trovão vibrando cada centímetro daquele apartamento imundo. Antes que os cartuchos tocassem o chão, os projéteis disparados a menos de dois metros destroçaram o rosto do infeliz. Em seu lugar restou uma massa disforme amarelada com pinceladas de vermelho bem escuro, quase preto, como um panetone amassado.

Ninguém disse nada. Todos os olhares buscaram Marcelo, mas ele olhava para o chão, caminhando em direção à porta. Então ele pôs a arma de volta na mesa e saiu do apartamento. A boca salivando, a vista embaçando, a respiração irregular: vomitou. Em segundos se recompôs, colocou a boina de volta e virou para trás. Uma porta se abriu no fundo do corredor e os curiosos que não sabiam da história entenderam menos ainda quando o Tenente se aproximou, bateu continência e disse alto, sem gritar:

— Feliz ano novo, soldado Marcelo.

FIM

Sobre o autor:

Alexandre Costa nasceu em São Paulo e é autor das obras "Fazendo Livros", "Introdução à Nova Ordem Mundial" e "Bem-vindo ao Hospício".

Blog:

<http://ordem-natural.blogspot.com.br>

Facebook:

www.facebook.com/alecosta.on